

SE NOS CORTAM AS ASAS, NÃO SOMOS ASAS CORTADAS, PODEMOS VOAR OUTRA VEZ: PROVOCAÇÕES FILOSÓFICAS EM UM DIÁLOGO COOPERATIVISTA

*IF OUR WINGS ARE CUT, WE ARE NOT CUT WINGS, WE CAN FLY AGAIN:
PHILOSOPHICAL PROVOCATIONS IN A COOPERATIVIST DIALOGUE*

ALINE BARASUOL¹

RESUMO

Com sustentação na virada estética dos estudos organizacionais, este texto propõe um refletir filosófico em diálogo cooperativista, a partir de experiências de uma jovem mulher que esteve à frente de uma cooperativa-escola e igualmente de minha trajetória enquanto educadora e pesquisadora imersa nos coletivos e ambientes cooperativos. A reflexão que surge nestas linhas é expansão de tese doutoral, mas que ganha novas roupagens a partir de minhas imersões filosóficas, em especial com as perspectivas existencialistas que possibilitam vislumbrar novos horizontes de reflexão, até então não aprofundados no cooperativismo. De forma breve, o que aqui se propõe nos coloca em perspectiva, enquanto jovens e mulheres, somos igualmente sujeitos agentes do e no mundo e enquanto força criativa temos, igualmente, a possibilidade de construir um cooperativismo com sustentação na diversidade.

Palavras-chave: Gênero; feminismos; juventude; cooperativismo; existencialismo.

ABSTRACT

Based on the aesthetic turn of organizational studies, this text proposes a philosophical reflection on cooperative dialogue, based on the experiences of a young woman who led a cooperative school and also on my own trajectory as an educator and researcher immersed in cooperative collectives and environments. The reflection that emerges in these lines is an expansion of a doctoral thesis, but it takes on new forms based on my philosophical immersions, especially with the existentialist perspectives that allow us to glimpse new horizons of reflection, hitherto unexplored in cooperativism. Briefly, what is proposed here puts us in perspective, as young people and women, we are equally subjects and agents of and in the world and as a creative force we also have the possibility of building a cooperativism sustained by diversity.

Keywords: Gender; feminism; youth; cooperativism; existentialism.

¹ Doutora em Extensão Rural pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/RS), Mestra em Extensão Rural pela Universidade Federal de Viçosa (UFV/MG), Tecnóloga e Licenciada em Gestão de Cooperativas pela UFSM/RS e atualmente Licencianda em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS/RS). Pesquisadora feminista, sentipensante, implicada em temáticas como Juventudes e Juventudes Rurais, Gênero e Feminismos, Cooperativismo e Associativismo, Educação Cooperativa, Comunicação e Extensão Rural, Agroecologia e Economia Solidária, Emoções, Narrativas e Escritas de si, Virada estética nos estudos organizacionais.

Diálogo cooperativista: caminhos filosóficos do percurso reflexivo

Voltei meus olhos a me compreender, me libertei de correntes e me tornei leve, livre para ser feliz e buscar meu lugar ao sol, e com certeza meu lugar está no cooperativismo, onde apesar de um intenso trabalho a ser feito, é o que aquece meu coração e que se tornou parte da minha essência (Olívia, escrita de si, 2021 em Barasuol, 2022, p. 106).

Iniciar esta jornada escrita com as palavras de Olívia já direcionam algumas trilhas que proponho percorrer neste texto reflexivo. Para alguns desavisados, ou mesmo sustentados em bases cartesianas do saber, pode ser que este texto soe um pouco deslocado ou mesmo desconfortável e provocativo ele pareça ser. Explico: o texto aqui apresentado se propõe a uma escrita filosófica em uma perspectiva afetiva, esta sustentada pela *virada estética* nos estudos organizacionais (caminhando com Jean-Luc Muriceau).

Por isso anuncio, não esperem da escrita dados estatísticos e quantitativos, o que aqui revelo, além da expansão de dados da tese de doutorado defendida em 2022, são reflexões pautadas em mais de 15 anos de contato e vivência com o cooperativismo, além de um aprofundamento emergente na filosofia. Minha trajetória enquanto educadora e pesquisadora se ocupou e ainda se ocupa do olhar atento aos coletivos e as diversidades, experienciando igualmente enquanto jovem e mulher espaços que proponho refletir com narrativas outras entrecruzadas com a minha. É por isso, em especial neste texto, que retomo e apresento a jornada e a narrativa de si de Olívia, ela que me auxiliará com intervenções reflexivas necessárias, de quem já estive, enquanto jovem mulher à frente da presidência de uma cooperativa. É com ela que dialogo trazendo para a escrita nossas experiências cooperativistas. Neste caso, em específico, Olívia estive à frente de uma Cooperativa-escola, além de integrar conselhos, não só diretivos a nível escolar, mas também consultivos a nível estadual do ramo ao qual sua cooperativa estava filiada ao movimento nacional de cooperativas, esses que para além de ambientes cooperativistas, também congregam espaços educacionais, condição inerente de processos formativos (tanto formais quanto informais) dos sujeitos e das suas histórias.

Ao citar a narrativa de Olívia e seu movimento de ocupar espaços de poder como a presidência e os conselhos de representação, recordo do XIII Encontro de Pesquisadores Latino-Americanos de Cooperativismo (EILAC), que ocorreu em 2024 no Uruguai, e seus atuais debates acerca da temática *Cooperativismo e Economia Social e Solidária: construindo práticas e teorias transformadoras para um tempo de mudança*. Ali, em especial, no grupo de trabalho *Economía feminista y desafíos de género en el sector asociativo*, questões dessa natureza permearam as discussões de pesquisadoras de diversos países. Por isso, retomo aqui o ensaio *Patriarcado, opressões e silenciamento: presenças e ausências de mulheres em contextos cooperativistas e associativistas*, no qual junto com Amábilé Tólio Boessio, nos encontramos em nossas trajetórias e buscamos expandir reflexões dialógicas “a partir dos caminhos cooperativistas e associativistas percorridos” até então (Boessio; Barasuol, 2024, p. 359).

No ensaio apresentado, seguindo a abordagem dos afetos em um percurso pós-estruturalista e desconstrutivista, junto das contribuições de Judith Butler e Michel Foucault, as institucionalidades se tornam centrais na mobilização das inquietações, sobretudo ao avistar os ambientes cooperativistas e associativistas e as relações de poder implicadas nestes espaços. Nesse sentido, “é importante que nos questionemos a respeito das mulheres e do complexo processo

de formação de identidades e da própria corporeidade que está em disputa nas e pelas redes discursivas” nos diversos contextos, “sendo que estes não estão isentos do atravessamento das relações de poder e que, também, reproduzem sistemas de opressão e silenciamento para com alguns corpos” (Boessio; Barasuol, 2024, p. 360).

Assim, não à toa, este texto possui uma lógica filosófica de compreensão e reflexão, o seu objetivo de escrita sugere uma construção que trilha caminhos de indagações e provocações ao pensar de quem lê, podendo sim, gerar até mesmo o desconforto do pensamento já condicionado e universalizado, que tradicionalmente também oprime e silencia muitas vozes e narrativas. Com isso dito, a proposta desta jornada é a construção de um diálogo reflexivo a partir das intervenções narrativas de Olívia, jovem mulher atuante no cooperativismo, e suas conexões com minha trajetória reflexiva que desaguam no existencialismo, em especial no pensamento de Simone de Beauvoir. Tal proposição, talvez deixe em aberto algumas questões e até mesmo provoque desassossego ao pensar, uma vez que não estou comprometida com a entrega de estruturas do pensamento encerradas em si mesmas; o objetivo do diálogo é ampliar ainda mais nossos horizontes cooperativistas.

Sustentada, em especial na virada estética dos afetos, esta que entende a pesquisa e a forma de comunicação, ética e metodologicamente, como um processo de desconstrução do pensamento universalizante que historicamente pautou os estudos científicos e nos mobilizou de forma asséptica a construção do saber. É com esta fundamentação, conectada aos Estudos Organizacionais sobretudo a Jean-Luc Moriceau, professor do Institut Mines-Télécom, em Évry, na França, que transpareço no caminho metodológico a dimensão afetiva e suas implicações éticas na construção do conhecimento.

Assim como apontado por Amábile Tolio Boessio (2021, p. 20), é possível compreender a virada estética e a “partilha do sensível permeada pelos afetos e mediada pela própria biografia de quem escreve”. Segundo Moriceau (2019, p.41), no texto *A virada afetiva como ética: nos passos de Alphonso Lingis*, antes de qualquer coisa: “a virada afetiva define uma ética e uma política”. Assim, o autor propõe, seguindo os passos de Levinas, “a ética como a primeira filosofia, [esta] que vem antes da produção do conhecimento” e que indica os caminhos deste texto e igualmente de minhas pesquisas. Uma vez que “tal ética envolve a responsabilidade do pesquisador muito além do que é comumente chamado de ética da pesquisa”. Por isso, junto do que comunicamos, Amábile e eu, no XIII EILAC, caminho também aqui, neste corpo textual, “em direção a essa nova tecitura de pesquisar e comunicar” (Boessio; Barasuol, 2024, p. 361).

Enquanto aporte metodológico, igualmente, sustento este diálogo, a partir das narrativas e escritas de si, que encontro em Michel Foucault quando este historiciza as práticas do “Cuidado de si”. “Foucault desconstrói os discursos lineares que estabelecem a continuidade histórica e permitem legitimar o presente. “O saber”, diz ele, na esteira de Nietzsche, “não é feito para compreender, ele é feito para cortar” (Rago, 2009, p. 256). E assim, rompendo com as linearidades, da mesma forma revelando a realidade cortante do saber, nos oportuniza uma ruptura com narrativas históricas dominantes e suas verdades pré-estabelecidas, conectando-nos a novos repertórios, a novas relações e tradições.

Nesse sentido, Margareth Rago nos auxilia no processo de deslocamento das, e em direção às, narrativas, nos aconselhando acerca da necessidade de releitura do passado para a construção de outras leituras históricas. Ela, que “desafia certos academicismos” operando “com os conceitos de “estéticas da existência” ou “artes do viver”, “parresía” e “escrita de si” da filosofia

de Foucault, assim como com operadores de Deleuze e da teoria feminista pós-estruturalista” – particularmente em *A aventura de contar-se* – inspirando-me a “desconstruir poderes e mostrar como certos dispositivos acadêmicos estão profundamente comprometidos com o domínio masculino e falocêntrico” (Rago, 2013, p. 14).

Comprometida em externar a construção de “artes feministas da existência”, nos convida a conhecer a rede de relações e conexões, histórias e memórias de sete mulheres que contribuíram na trajetória do feminismo brasileiro, a partir de suas narrativas de si. Em seu *corpus* documental estão incluídos processos penais, relatos autobiográficos em entrevistas gravadas, ou já publicadas e, ainda, artigos e livros que foram escritos por essas ativistas, narrativas essas que Margareth Rago aborda com referência à “escrita de si” que Foucault discute “como prática da liberdade constitutiva das “estéticas da existência” dos antigos gregos e romanos” (Rago, 2013, p. 30).

Ao considerar que tais narrativas ganham um sentido no presente ao serem reconstruídas por meio da reflexão das experiências passadas, Margareth Rago parte “da concepção de que a linguagem e o discurso são instrumentos fundamentais por meio dos quais as representações sociais são formuladas, veiculadas, assimiladas, e de que o real social é construído discursivamente” (Rago, 2013, p. 30). Ando junto com Margareth Rago (2013, p. 32), sobretudo quando ela se refere que ao narrar suas vidas as mulheres “desfazem as linhas da continuidade histórica, questionam as identidades construídas e constituem-se relacionalmente como sujeitos múltiplos”, assim também percebo as jovens parceiras da pesquisa doutoral – aqui em especial o narrar de Olívia – que relatam a si e criam um espaço-tempo narrado. Relatos que são expressos nas narrativas de si e que envolvem afetos e memórias, mobilizam reflexões e acontecimentos sobre a própria identidade e subjetividade, desconstruindo a costumeira linearidade histórica imposta, bem como possibilitando de forma relacional a constituição múltipla e plural dos sujeitos

Voltando à escrita de si de Olívia que abre nossos horizontes reflexivos neste texto, o *cooperativismo tornou-se parte de sua essência*, e é com esta provocativa intervenção narrativa que não à toa avistaremos mais a frente conexões com o existencialismo, fundamentalmente com Simone de Beauvoir. De fato, o que Olívia nos anuncia é que nossa essência não está determinada ou naturalmente pré-concebida, e que há a potencialidade de nos construirmos enquanto sujeitos indicando o que fará parte de nosso projeto e realização humana no mundo. Assim, como indicado por Olívia, é possível que algo componha com o tempo sua essência, e aqui leio isso, essência enquanto potência de ser e projetar-se no mundo com suas ações e realizações, com sua eticidade criticamente construída.

Com sua célebre frase, “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” que abre o volume 2 de *O segundo sexo* (Simone de Beauvoir, 2019 b, p. 11), já intuímos que o ambiente, suas características socio-históricas, psico-sociais e valores morais (assim como processos formativos) nos compõem, nos tornam e são imprescindíveis para pensarmos e nos realocarmos enquanto mulheres na sociedade. Para tanto, não muito distante serão avistadas as contribuições dessa filósofa existencialista, ela que nos auxiliará nas reflexões acerca da relevância da construção de nosso projeto de existência e projeções do e no mundo. E como exemplifica Olívia, além do cooperativismo passar a fazer parte de si e de seu projetar-se, ela também se torna essa mulher livre para ser no mundo. Porém, não nos antecipemos, haverá um momento propício para esse aprofundar reflexivo. Igualmente, em breve, nosso voo reflexivo perpassará por pensar a juventude, pois além de ser mulher, Olívia é força criativa juvenil que demarca outro lugar de

enfrentamento de resistências sociais, na maior parte veladas, ademais além de mulher é jovem e o que cabe a uma jovem mulher nos espaços de poder historicamente ocupados por homens, brancos de meia idade?

Ao apontar tais direcionamentos, o que intento aqui é anunciar minhas bases do pensamento na diversidade e no pensar gênero, feminismos e juventudes na sociedade e, em especial, nos cooperativismos. Aqui já indico, também, que penso a partir da pluralidade de manifestações das coletividades. Mesmo que estas se apresentem filiadas a um único movimento que estrutura e compõe leis e normas que as regem, há muita diversidade no pensar e no manifestar relações de cooperação. Também é importante ser dito que neste texto não serão encontrados detalhes da história de Olívia, tão pouco sobre a cooperativa-escola da qual ela foi presidente. O objetivo desta escrita está na expansão e aprofundamento de nuances que surgiram com sua narrativa já comunicada por meio de sua escrita e narrativa de si disponível no texto final de doutoramento – caso haja curiosidade para conhecer mais de Olívia convido a você para uma leitura atenta da tese de doutorado *Narrativas contadas e escritas que agem: Experiências de mulheres em ambientes educacionais e cooperativos*, este que te aproximará mais de sua história, imprescindivelmente no conto *Confiança em poesia: O desabrochar primaveril das juventudes* (Barasuol, 2022, p. 105), ou mesmo na seção *Estação coletiva contação: narrativas de memórias entrecruzadas da CESPOL* (*id.*, p. 89) lá, também, está registrado mais da cooperativa na qual Olívia foi presidente – . O importante aqui é trazer o que ainda não foi dito anteriormente e que permeou meus universos reflexivos pós publicação de tese em imersão filosófica.

Outra faceta importante de ser expressa é que o caminho metodológico da construção deste texto, para além de percorrer as escritas e narrativas de si já mencionadas, conectam-se em diálogo a uma narrativa autobiográfica e antropológica de meu encontro psíquico tanto com Olívia quanto com as escolhas de teorias e autorias que ampliaram minha perspectiva filosófica e reflexiva sobre a temática proposta. Com isso vou tecendo as reflexões a partir de experiências, inclusive oníricas, que despertaram meu pensamento após as movimentações e afetações que atravessaram meu corpo em relação ao pensar aqui proposto.

Para tanto, a criação deste texto não se dá de uma forma habitualmente conhecida, pois desde seu início caminha junto das conexões e reflexões teóricas alinhavadas com as provocações de Olívia e igualmente minhas. É por isso, que entendo, que este texto não é só escrito por mim, embora seja a primeira pessoa do singular que rege a sinfonia dessas palavras. Este diálogo é escrito, também, por Olívia e pelos encontros filosóficos que tive com referências que por meio de suas palavras me possibilitaram voar em pensamento.

Coloco-me desta forma, neste texto, porque não tive escolha de fazer diferente, talvez um grande paradoxo, como veremos mais a frente, para o existencialismo, onde a liberdade é princípio. No entanto, justifico minha escolha de ser arrebatada por esse agir em texto distinto, engaiolada estaria se seguisse os caminhos pré-condicionados por uma escrita asséptica que nos toma de nós mesmas, de nossa potência filosófica, esta que – como veremos em breve – se manifesta em corpo, em sonho, em reflexão livre que voa os céus, mesmo com suas asas cortadas.

Em relação a estrutura textual, os caminhos desta escrita seguem após esta introdutória exposição do percurso filosófico proposto e de alguns horizontes avistados, as conexões e sobrevoos com as proposições de Simone de Beauvoir. Em sequência sobressalta o pensar a respeito da força criativa das juventudes e, por fim, voos livres do pensar e existir, uma abertura para horizontes reflexivos do cooperativismo que ainda necessitam aprofundamento e expansão.

O onírico e os sobrevoos pelo existencialismo e as proposições de Simone de Beauvoir

Antes, a Olívia ela era presa numa caixinha, hoje eu não me vejo numa caixinha, eu preciso estender as minhas asas pra todos os lados, é isso! (Olívia, narrativa de si, 2021 em Barasuol, 2022, p. 114).

Falar de e com Olívia é praticar e encontrar com a práxis da boniteza, pois por meio de suas palavras saltam poéticas provocações reflexivas, o que para mim torna-se inspiração, não só nesta escrita afetiva e filosófica, mas igualmente para refletir nossa expressão de existência humana no mundo. Quando Olívia se narra aprisionada, a vejo com suas asas apertadas e que tão pouco podem voar. A libertação de seu voo me recorda, prontamente, de um sonho que chegou no onírico e afetou meu cotidiano com sua recorrente imagem e presença, também em vigília.

Sonhei com um pássaro de asas cortadas por homens que o queriam engaiolar. Foi com essa intervenção inconsciente que não pude deixar de ser atravessada por seu simbolismo em mim. Muitos pensamentos sobrevoaram meu corpo encontrando pouso para a reflexão, até que por fim compreendi (ao menos uma parte do) o que pulsava em minhas zonas reflexivas corporais. Lembrei, prontamente, de Simone de Beauvoir, uma pensadora, escritora, ativista política, feminista, teórica social francesa e filósofa do existencialismo que nos revela os cortes e engaiolamentos que nós mulheres somos condicionadas a passar. Uma relevante intelectual do gênero, com sua obra *O segundo sexo*, escrita em 1949, questiona "O que é uma mulher?" (A tal não homem) (Beauvoir, 2019 a, p. 9). Por isso o que Olívia nos diz, também afeta a mim, mas não só a mim, e não é à toa que a expresso aqui.

Como também nos mostra Kate Kirkpatrick, em *Simone de Beauvoir: uma vida* (2020, p. 18) a obra *O Segundo Sexo* postula fundamentalmente que "nenhuma mulher jamais viveu a sua vida 'livre de convenções e preconceitos'". No entanto, "nos círculos feministas, ela é celebrada como um ideal exemplar, 'um símbolo da possibilidade, apesar de tudo, de viver a vida da maneira como se quer, para si mesma, livre de convenções e preconceitos, mesmo sendo mulher'".

Para Simone de Beauvoir (2019 b) a emancipação da mulher está atrelada a recusa ao aprisionamento nas relações vinculadas a um homem, no entanto, tão pouco se deve as negar a ela. Com sua potente contribuição existencialista, Simone, reflete a importância da libertação das mulheres em um mundo conservador e patriarcal e nos mostra a necessidade de nos projetarmos nesse mundo a partir de outras possibilidades de existir, para além do que nos foi imposto e condicionado. Fazendo uso das reflexões de Eli Vagner Rodrigues em *Simone de Beauvoir, o existencialismo e o feminismo* (2015, on-line):

Para Beauvoir a noção de caráter no pensamento dogmático depende da ideia de essência. Esta relação dogmática é o que constitui a base de juízos discriminatórios, preconceituosos e opressores. Destacamos o fato de que os existencialistas defendem um novo ponto de vista sobre estas concepções essencialistas. Se consideramos o caráter como algo não pré-concebido, não programado em sua essência, o indivíduo não pode mais ser visto de um ponto de vista determinista.

Assim, ao avistar meu sonho e as palavras de Olívia, logo pensei inspirada em Beauvoir: não somos, nos tornamos. Se nos cortam as asas, ou as aprisionam, não somos asas cortadas e aprisionadas, podemos voar outra vez. Com Simone de Beauvoir e sua perspectiva existencialista

não permanecemos engaioladas (sejam elas engendradas em armadilhas físicas, psíquicas ou subjetivas e culturais) podemos escolher o céu outra vez – ou pela primeira vez. Dessa forma, somos aquilo que fazemos da nossa existência. É isso que o existencialismo nos faz refletir, ele coloca a existência em perspectiva, não há essência primeira, não há princípio que nos tome e nos diga que há um caminho certo e único.

Corroborando com nossas reflexões existencialistas, trago as contribuições de Jean-Paul Sartre, também filósofo do existencialismo e companheiro de Beauvoir. Em sua fenomenologia existencial, Sartre – em *O ser e o nada* – vai buscar o fim do dualismo entre mente e corpo ao seguir Husserl, aderindo uma unidade “mente/corpo/mundo” e superando ideias pré-estabelecidas sobre o mundo concreto, entendendo a experiência concreta sem mediações (inclusive pela consciência por exemplo). Na dialética de Sartre o indivíduo é um projeto em eterno processamento e em interação, nestas condições revela-se a noção de outro como condição indispensável, pois o outro é um ser que vê, estabelecendo assim a dimensão de ser visto, condição original do ser humano para existir (sob e a partir do olhar do outro) e se reconhecer, bem como ser reconhecido (Daniela Ribeiro Schneider, 2020). Dialogando novamente, junto com Rodrigues (2015, *on-line*), Simone de Beauvoir, seguindo o raciocínio existencialista, conclui

que a mulher será o que ela fizer de si mesma, historicamente, individualmente, culturalmente. Se até então a cultura atribuiu a mulher diversas identidades o existencialismo seria uma saída para o problema da autoafirmação de uma identidade real, mais justa, menos imposta, daí o sentido da famosa frase de Beauvoir: “Não se nasce mulher, torna-se mulher”. O que é a mulher, então, para Simone? A resposta, para ser coerente com o pensamento de Beauvoir deve ser: O que a mulher construir como identidade, não mais o que os homens determinaram culturalmente que elas sejam.

Nós, mulheres, mas também não só as mulheres, somos uma existência que se faz, que age, que é colocada, mas que também pode ser transformada, não somos um ponto fixo, estático, estável. Se assim o quisermos, assim nos tornamos, se não, nos movemos e nos transicionamos naquilo que desejamos ser, naquilo que acreditamos e projetamos, na ética que desenvolvemos. A existência não é mais um ponto final que te possibilita outra vida, é com ela, a existência, que vivemos todas as vidas que queremos, numa só, não há algo que se levará para depois, tudo se desfaz. E em nome de muitas outras essências, de muitas outras verdades fixas e estáveis é que nos cortam as asas do existir, que nos impossibilitam o voo. Porém na existência, na perspectiva do existencialismo, nossas asas podem crescer, ou podemos ter outras estratégias que nos fazem voar, não nos mantemos com asas quebradas, asas faltantes, asas despedaçadas, asas amarradas, nossas asas crescem, não só em corporalidade, mas em imaginação e ação. Podemos desenhar outras existências e outras asas que nos levam em direção a outras possibilidades de ser que não as que já conhecemos, as que já estão escritas e que se renovam a todo novo dia por uma perspectiva conservadora e fadada ao que é.

Enquanto escrevo me recordo novamente de Olívia e de sua narrativa de si, ela que expressa seu processo de transformação:

A Olívia antes da Cespol era uma mulher insegura, com muitos sabotadores, que não tinha autoconfiança e que não sabia usar a sua voz. Hoje em dia eu me tornei uma mulher extremamente confiante das minhas decisões e de como eu quero usar a minha voz e ocupar os meus espaços que eu tenho direito e que eu quero participar. (Olívia, narrativa de si, 2021 em Barasuol, 2022, p. 114).

Ao lermos Olívia, visivelmente, percebemos a influencia da sua participação frente a cooperativa-escola, bem como em outros espaços que compuseram seu refletir sobre si, e seu transformar, seu constituir na forma pela qual se reconhece. Aqui, visualizamos a narrativa de um processo de emancipação e transcendência dos projetos socialmente impostos com os quais Olívia se identificava. Para o existencialismo, a liberdade pressupõe a responsabilidade de assumir para si a construção da própria existência, refletir e transformar em ação suas projeções éticas do e no mundo que deseja realizar. Para Simone de Beauvoir (2019), o “si mesmo” está implicado em mudanças constantes, sem interrupções, está em devir e igualmente interrelacionado e conectado a outros, da mesma forma em suas contínuas transformações, logo, como Kate Kirkpatrick, anuncia em *Simone de Beauvoir: uma vida* (2020, p. 14), “ser “si mesmo” implica mudanças perpétuas com outras pessoas que também estão mudando, em um processo de devir irreversível”. Situado no tempo o “si mesmo” e a existência se constroem em progresso, “uma “atividade viva”, um devir que continua mudando até atingir seu limite, na morte” – inspirações de Henri Bergson nas proposições de Beauvoir (*id.*, p. 15).

Em seu livro, *O segundo sexo*, a filósofa critica “mitos” da feminilidade, onde muitos deles sustentam que mulher não tem agência no mundo, ou seja, “implicam deixar de ver as mulheres como agentes – como seres humanos conscientes que fazem escolhas e desenvolvem projetos para sua vida, que querem amar e ser amados como tal e que sofrem quando são reduzidos a objetos aos olhos dos outros” (Kirkpatrick, 2021, p. 21). Nesse sentido, retomo às reflexões de Boessio e igualmente minhas (2024), ao refletir os corpos enquanto produções históricas e ainda seus disciplinamentos em interface com as institucionalidades, ali expressão escrita de nossa trajetória observamos e sentimos as opressões e aprisionamentos em contextos cooperativos, mas também, percebemos os voos das mulheres, “a partir da inter-relação com outras institucionalidades, ou ainda outros espaços, discursos e narrativas”

Todas as mulheres que encontramos no caminhar, em alguma medida, revelaram seu constante processo de busca por si mesmas, por suas narrativas, indicando suas desconstruções e construções diárias, em direção as ações que as conectam com a perspectiva narrativa da qual utilizam, ou mesmo da qual não se aproximam mais, transformando contextos de violência ou de silenciamento, unindo-se a outras mulheres, encontrando estratégias e promovendo mudanças em seus contextos (Boessio; Barasuol 2024, p. 364).

E é nesse sentido, que ao retomar as narrativas de Olívia, vemos a relevância também desses espaços para os voos e expansões de projetos de si, observamos a emancipação de mulheres e o seu desenvolvimento ético e social. Como nos indica Simone de Beauvoir (2019), a mulher tem a capacidade de transcender as projeções impostas, uma capacidade humana de ir além de si mesma, tornar-se um projeto em realização, um ato de criação em sua existência, com indiscutível capacidade de agência.

A força criativa das juventudes e sua expressão no cooperativismo

Então, hoje em dia, eu vejo que tá se fazendo um trabalho, muito lentamente, mas começou, entende?! E é um orgulho muito grande da gente começar esse movimento assim, eu como outros jovens fazendo esse trabalho de formiguinha pra começar a virar a chave, principalmente da questão de sucessão, juventude,

nós mulheres nos papéis de alta liderança das cooperativas, já que isso é um desafio enorme (Olívia, escrita de si, 2021 em Barasuol, 2022, p. 113).

Refletir a juventude, não é, de longe, assunto recente, mas ainda há muito que expandir, em especial, ao pensarmos sua inter-relação com os contextos cooperativistas como nos indica Olívia. Embora o discurso seja conhecido ativamente ainda se encontra resistência para a atuação juvenil frente as cooperativas. Assim como Olívia, percebo um andar lento, porém expressivo da força juvenil ganhando espaço e reivindicando por ele no cooperativismo. Percebo na narrativa de Olívia um constante entusiasmo juvenil que também me contagia e que me provoca o pensamento, levando-me a refletir sobre a juventude, esse “lugar” que ora é tratado como uma fase de vida, outra como uma pulsão que assola; outra ainda pela ótica da rebeldia, ou mesmo dentro da sociologia, por sua perspectiva de construção social.

Influenciada, nesse momento, também pelo existencialismo, percebo-a mais como espaço e ciclo que se faz e refaz constantemente. Também, remeto-me à lugar por sua complexidade de relações envolvidas, aonde nem todos podem ir, mas que em maioria passamos, e deixamos de frequentar. Por isso, de certa forma, componho em minhas escritas, “as juventudes”, pois são tantas as configurações possíveis e são tantos os lugares a percorrer, estes impensados e que podem ser projetados.

Com isso, manifesto aqui, que refletir acerca das juventudes não significa andar por caminhos homogeneizantes e universalizantes do pensar e do categorizar, muito menos simplificar no agrupamento de uma divisão etária. Apreendendo-as muito mais enquanto processo e teia construída socialmente, assim estou atenta para a complexidade e multiplicidade de relações entrelaçadas a aspectos indefiníveis que cotidianamente afetam este lugar (das juventudes). Portanto, reafirmo sua pluralidade e a diversidade de experiências de ser jovem ou mesmo viver a juventude. Ao escrever o que me acomete, recordo-me da escrita inspiradora e poética de Chirley Ferreira Mendes em sua tese acerca das juventudes, essa que se aproxima tanto do que observo e capto a respeito. Para ela:

[...] a juventude que imaginamos, evocamos e descrevemos geralmente no singular só existe no plural. Há, pois, juventudeS. Possibilidades diversas e múltiplas para a composição desse curso da vida que faz pessoas e é, simultaneamente, feito por elas. E por ser também matéria-prima moldada por tantas mãos, por tantas subjetividades, disputada em tantas narrativas, não há maneira pela qual possa ser homogênea, uma, universal. Cabe aqui, pois, evocarmos sua pluralidade cambiante, a sua carga incalculável, sua composição incerta e imprecisa, as suas sobras e ausências, a sua heterodoxia, os remendos e colagens que lhe são adicionados ao longo do caminho no transcorrer de tempos geracionais marcados por enredos históricos e situacionais vários, bem como por escolhas individuais singulares. Porque a composição das juventudeS não é feita por uma única geração, mas se constitui de forma relacional no entrelaçar de pessoas de vários tempos e nas obrigações tecidas e reiteradas entre mais velhos e mais jovens (Mendes, 2018, p. 78).

Com isso, percebo as juventudes e apreendo seus contextos, entendendo a influência e o sentir da interação sujeito e mundo experienciado, como nos manifesta Chirley Mendes, “as juventudeS [...] se põem como matéria prima do processo vivente”. Que se compõem no desgaste e no envelhecer, mas igualmente, no recheir e rejuvenescer de suas múltiplas constituições, é, portanto, movimento *juventude-matéria-prima* (Mendes, 2018, p. 80). Evidenciada está, em sua composição, a força criativa das juventudeS.

Ao ler sua tecitura de palavras, ecoa em mim o que Michel Foucault anuncia em uma de suas entrevistas, no ano de 1982, sobre *Sexo, Poder e a Política da Identidade*². Ele, que acredita na possibilidade de novas formas de vida, relações e amizades nas sociedades, além de novos modos de arte e cultura que passam a existir e se instaurar por meio de nossas escolhas, sejam elas sexuais, éticas e políticas. Foucault, nos anuncia que “devemos não somente nos defender, mas também nos afirmar, e nos afirmar não somente enquanto identidades, mas enquanto força criativa”. E, é assim, que também compreendo as juventudes, mas não só elas, conjuntamente as mulheres, como força criativa, com possibilidade de invenção de novas formas de existência.

Esse inspirar, me recorda acerca do preconceito que por vezes enfrentamos por sermos jovens e mulheres ao mesmo tempo. O que acaba sendo sentido por *Olívia*, nos espaços outros que ela ocupava enquanto representante cooperativista. Para ela, era visível um não ouvir velado e uma resistência acerca de seus posicionamentos, o que a impedia, muitas vezes, de falar nesses ambientes; em suas palavras: “*muitas vezes... nem eu me sentia com abertura pra falar nesses momentos*”. Sentia-se sozinha, já que a única outra mulher que também estava ali (no conselho) era suplente. E como ela mesma relata: “*como jovem, sendo a única jovem, eu não era tanto ouvida, eu me sentia bem desconfortável, [...] era um ambiente desafiador. [...] Tinha muito disso nessas representações e a gente acaba percebendo que o falar é uma coisa e o agir é totalmente diferente*”. Sobre isso, ainda, segue mais da narrativa de *Olívia* como convite de mergulho em suas contações e diálogo:

*[...] eu fui convidada a participar do Conselho Diretivo do Colégio o que me deu um poder de fala [...]. Eu mera aluna [risos]. Essa experiência, assim, hoje em dia eu consigo ver os muitos bloqueios que a gente tem enquanto aluno, porque a gente tem o professor como autoridade máxima e a gente não quer desrespeitar e... não acha adequado o nosso lugar de fala. Porque às vezes ainda dentro de sala de aula a gente tem muita concepção bancária, né, que o aluno é só pra depositar. E a gente acaba acreditando nisso, então foi um grande desafio desconstruir essa minha mentalidade, que não é assim, eu tenho lugar de fala. Se eles estão dizendo que nós somos jovens criadores de ideias e pensamentos, então eu vou fazer esse papel. Se eles dizem que a gente tem que fazer barulho pra poder incomodar, pra ser ouvido, eu vou fazer isso [...] [risos], porém de formas sutis, porque eu acredito em uma comunicação não-violenta sabe?! Pra gente ser ouvido com legitimidade. Então, existe dificuldade, mas é uma dificuldade muito velada, sabe?! É... a gente é jovem, a gente tá aprendendo, então às vezes a gente sente... por mais que não se veja... não diga cara a cara, a gente sente que é velado, porque não dão tanta importância às vezes, ou peso pras nossas palavras, ou pra alguma questão. Mas isso que eu tô falando não é em geral. [...] Mas é por isso que é importante, a questão de colocar a cara a tapa e continuar utilizando a voz pra dizer “não, eu tenho embasamento, eu estou estudando”, sabe?! Até desconstruir esse pensamento que existe. (*Olívia*, narrativa de si 2021 em Barasuol 2022, p. 110)*

Com a manifestação de *Olívia* em sua narrativa, saltam aos meus ouvidos a expressão “*lugar de fala*” e sua força criativa juvenil de mudança. Não pude deixar de conectá-la a feminista negra e ativista brasileira dos feminismos plurais, Djamila Ribeiro. Ela que é reconhecida, atualmente, por refletir, a seu tempo, nos provocando o pensar indispensável a respeito do *Lugar de fala* (2019). Mestra em Filosofia Política pela Universidade Federal de São Paulo nos elucida o já

2 Publicado em: *verve*, 5: 260-277, 2004. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/verve/article/view/4995/3537> . Acesso em: maio de 2022.

sabido, com Beauvoir temos a compreensão de que a mulher é o *Outro* para aquele que se põe como sujeito, e com Grada Kilomba³ nos provoca uma percepção ampliada com a ideia de que a mulher negra é o *Outro* do *Outro*.

Djamila Riberiro (2019, p. 79), pensando com Kilomba, nos diz que “falar de racismo, opressão de gênero, é visto geralmente como algo chato, “mimimi” ou outras formas de deslegitimação”, nos faz refletir sobre o fato de que quando há tomada de consciência acerca da desestabilização da norma instaurada, universal, hegemônica, essa ação é vista como “inapropriada ou agressiva” justamente por nesse ponto confrontar o poder. Portanto, “pensar lugar de fala seria romper com o silêncio instituído para quem foi subalternizado, um movimento no sentido de romper com a hierarquia, muito bem classificada por Derrida como violenta” (Ribeiro, 2019, p. 89).

Consigo avistar, junto de Djamila Ribeiro, as falas de *Olívia*. Ela que embora não sendo uma mulher negra, também sofre as deslegitimações do sistema patriarcal, enquanto mulher, jovem e estudante (pois revela as hierarquias educacionais, em especial, na relação professor-aluno). Aqui, atravessada por tais reflexões, retomo as contribuições, apresentadas no encontro Latino-Americano de pesquisadores do Cooperativismo, em 2024, por Amábile e por mim, em relação ao nosso compromisso e responsabilidade com o processo histórico.

a consciência das opressões de gênero, classe, diversidades, se faz obrigatório e urgente para que nosso conjunto de valores e princípios tenham e produzam sentido. Descentralizar o poder, os poderes, sejam desde o micro para o macro nos provoca no sentido de produzir outras racionalidades que não a hegemônica. E não nos enganemos com relação aos outros cooperativismos e formas coletivas que não abraçadas ao capital. Estas estão nascidas em mesmos contextos, onde a luta por reconhecimento, o fazer de sujeitos não sujeitados se faz de maneiras não pacíficas (Boessio; Barasuol, 2024, p. 365).

Assim, pensar as juventudes, os feminismos, cooperativismos e projetos educacionais estão entrelaçados na construção social, histórica e cultural posta. Com isso, ao assumir a existência e a possibilidade de transcendência do imposto e do até então reproduzido, nos permite a possibilidade de romper com ciclos e projetos pré-estabelecidos e que desqualificam ou invisibilizam existências, mesmo que de forma velada, em especial em ambientes de poder e representacionais. No entanto, ao assumirmos nossa potência enquanto força criativa, seja jovem ou mulher, podemos alçar voos em outros horizontes de cooperação, estes pautados na diversidade e não mais reprodutores de um sistema homogeneizante e patriarcal, que é liderado em maioria por homens que socialmente detém a capacidade de agência e o poder de decisão sobre si e o mundo.

Asas livres e sonhos que nos movem o voo do pensar e do existir

Percebo que hoje, Olívia é uma mulher sonhadora que tem grandes perspectivas pra vida... é uma mulher livre, que não consegue e nem deve se limitar ao que muitas vezes a sociedade impõe. A Olívia é uma mulher que quer fazer a diferença pra outras mulheres, pra sociedade que a gente vive. [...] eu me sinto

3 Grada Kilomba é uma escritora, psicóloga, teórica e artista interdisciplinar portuguesa reconhecida pelo seu trabalho que tem como foco o exame da memória, trauma, gênero, racismo e pós-colonialismo.

feliz e honrada com a minha história, então eu sou orgulhosa, hoje em dia eu sou orgulhosa de mim mesma e pelas coisas que eu estou construindo (Olívia, narrativa de si, 2021 em Barasuol, 2022, p. 115).

Findar essa proposição de escrita, com os ares narrativos de Olívia e sua tomada para si de seu agir no mundo, de seu tornar-se a partir de suas experiências e processos reflexivos, tanto na universidade, quanto à frente de uma cooperativa-escola, ainda mais em ambientes cooperativos de representatividade, me afeta profundamente e me coloca contente nas palavras que escorrem por minhas mãos aqui. Beauvoir (2019), nos sinaliza que nosso projeto de vida não é individual ele é social e coletivo, pois nossas ações estão implicadas no mundo social e é isso que vemos, com nitidez, no narrar de Olívia. Os impactos que sua atuação permitiu para si mesma, mas não somente para si, desaguam no comprometimento com outras mulheres e existências e igualmente com os projetos de cooperativismo que ela acredita e deseja realizar no mundo. Um cooperativismo com sustentação na diversidade.

“Reconhecer e dialogar com aquilo que nos afeta pode ser um caminho de abertura para admitir o que se mostra diante de nossos olhos. A reprodução social precisa ser menos reprodutiva, produtiva e mais experienciativa, vivenciativa” – afirmamos (Boessio; Barasuol, 2024, p. 364). Uma vez que é em coletividade que a realidade se reproduz, fazendo-se então a partir da ação do sujeito, sujeito esse que se produz em meio a cultura. Assim, “se queremos cultura outra que não a que oprime, precisamos comprometer-nos a fazer, em ação, encontros outros que não, simplesmente em reprodução do já dito” (Boessio; Barasuol 2024, p. 364).

E por fim, mas também como um começo, faço um convite indagatório e como Simone de Beauvoir nos provoca a refletir com sua contribuição de que não nascemos mulher, nos tornamos, poderíamos também pensar que não nascemos cooperativistas, mas sim nos tornamos cooperativistas? E que cooperativistas nos tornamos? É com essa reflexão que este texto caminha para seu final, mas que se abre igualmente para novas e possíveis jornadas de reflexão, estas que notoriamente exigem maior aprofundamento e pesquisa. Para tanto, proponho em textos futuros pensar com o existencialismo a necessidade de refletir sobre o projeto de cooperativismo que desejamos, em especial no Brasil. E com Simone de Beauvoir ousar dizer que também não nascemos cooperativistas, nos tornamos, porém precisamos assumir a angústia e a responsabilidade de criar o cooperativismo que desejamos. Questiono-me se é possível nos repensarmos enquanto movimento cooperativista sem reproduzir ditames neoliberais, quando estes já estão introjetados em nossas subjetividades? Nesta altura, não tenho respostas prontas ou fechadas sobre isso e por isso convido aqui a abertura de tal reflexão. O que vejo e posso expressar até então, em particular na experiência de Olívia e igualmente minha, é que podemos, sim, nos repensar e transformar nossas ações e projeções narrativas na existência, não sem resistências. É com esse cenário em mente, que me despeço de mãos dadas com as perspectivas existencialistas provocando nossa ampliação reflexiva sobre a autonomia e responsabilidade enquanto sociedade da criação diária de nossas subjetividades e coletividades.

Referências

- BARASUOL, Aline. **Narrativas contadas e escritas que agem**: experiências de mulheres em ambientes educacionais e cooperativos. 168 p. Tese (Doutorado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Rurais, Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural. 2022.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: fatos e mitos. Tradução Sérgio Milliet, 5. ed., v. 1.: Nova Fronteira, 2019^a.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: a experiência vivida. Tradução Sérgio Milliet, 5. ed., v. 2.: Nova Fronteira, 2019b.
- BOESSIO, Amábile Tolio. **Gênero, performance e experiência**: um descortinar da pesquisa em contextos rurais mediada por afetos. 212 p. Tese (Doutorado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Rurais, Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural. 2021.
- BOESSIO, Amábile; BARASUOL, Aline. Patriarcado, opressões e silenciamento: presenças e ausências de mulheres em contextos cooperativistas e associativistas. **Anais XIII EILAC** – Encontro de investigadores Latinoamericanos em cooperativismo. Montevideo, Uruguai. 2024, p. 359 – 366.
- KIRKPATRICK, Kate. **Simone de Beauvoir**: uma vida. Tradução de Sandra Martha Dolinky. São Paulo: Planeta do Brasil, 2020.
- MENDES, Chirley Ferreira. **Entre trechos de vidas**: juventudes, mulheres e gerações compondo a feitura de pessoas e trajetórias. 2018. 216 f., il. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2018.
- MORICEAU, Jean-Luc. A virada afetiva como ética: nos passos de Alphonso Lingis. In: PRATA, Nair; PESSOA, Sônia Caldas. **Desigualdades, gêneros e comunicação**. São Paulo: Intercom, 2019.
- RAGO, Margareth. Dizer sim à existência. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (orgs.). **Para uma vida não-fascista**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. (Coleção Estudos Foucaultianos)
- RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se**: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.
- RODRIGUES, Eli Vagner Francisco. Simone de Beauvoir, feminismo e existencialismo. **ResearchGate, on-line**, 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/291969992_Simone_de_Beauvoir_feminismo_e_existencialismo. Acesso em: 29 out. 2025.
- RIBEIRO, Djamila. **Lugar de Fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 112p. (Feminismos Plurais/ Coordenação de Djamila Ribeiro)
- SCHNEIDER, Daniela Ribeiro. A fenomenologia de Heidegger e Sartre em suas diferenças. **AUFKLARUNG**, João Pessoa, v.7, n.esp. Fev, 2020.